

COMERCIO DA AJUDA



QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO

Editor: J. A. SILVA COELHO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 757

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176—LISBOA

POUCOS dias faltam para a realização da surpreendente festa promovida pelo nosso quinzenário no Salão Teatro do Belém Clube.

O produto, como temos anunciado, será oferecido à Comissão «Pró Jardim Escola» e do programa escrupulosamente organizado, fazem parte a representação da linda opereta em 2 actos «Rosas da Virgem» e a «première» duma peça em 1 acto, brilhante original do nosso querido colaborador sr. Alfredo Gameiro. No acto de variedades, tomarão parte valiosos elementos, que ao serem convidados, aquiesceram imediatamente o que muito nos sensibilizou.

É digna dos maiores elogios a colaboração do grupo de senhoras, que vai tomar parte no grande festival e que bem compreendeu o fim em vista: Proteger as criancinhas pobres da Ajuda. E oxalá que elas um dia, lhes possam agradecer.

A noite de 30 do corrente, vai ficar memorável e o sumptuoso Salão do Belém Club. vai ser pequeno para comportar a grande assistência.

Muitos têm sido os pedidos de bilhetes, mas só na próxima semana poderemos começar a sua entrega.

SÓ agora tivemos conhecimento encontrar-se enferma a nossa estimada e ilustre colaboradora Ex.^{ma} Sr.^a D. Aurélia Borges, que ao nosso quinzenário tem emprestado grande brilhantismo com a sua valiosa colaboração.

Todos que neste quinzenário trabalham, ficam fazendo ardentes votos, pelo rápido restabelecimento da inteligente e bondosa senhora.

A comissão administrativa da Sociedade Esperantista Operária «Nova Sentido», recentemente instalada no Largo da Boa Hora, está elaborando um vasto programa de palestras, conferências e festas de carácter educativo e de propaganda esperantista que se propõe realizar dentro em breve na sua nova sede.

Os seus cursos funcionam com regular frequência sendo de esperar que, brevemente, outros sejam iniciados.

A' volta duma idea generosa

Tem foros de actualidade uma idea linda — linda como poucas ideas lindas, daquelas que, constantemente, brotam do solo fecundo da terra portuguesa que, digamos de passagem, é fértil em projectos mas árida em realizações.

Essa idea linda a que me vou referir é a da adaptação dum histórico palácio — o Ramalhão — ou de um convento — o de Mafra — em morada de artistas inválidos, casa de repouso e abrigo do proletariado intelectual.

Como não podia deixar de ser, essa idea partiu de quem sabe sentir a amargura dos que abrigando na Alma-perfeita acima do vulgar, — um facho de Sonho feito Beleza, se vêem encerrados no âmbito estreito das dificuldades materiais — o que acontece à maior parte dos intelectuais, principalmente dos intelectuais portugueses, que atirando à Vida e à Arte mãos cheias de rosas espirituais, não possuem o milagroso condão de transformar as pétalas setíneas das flores artísticas do pensamento criador, em moedas de ouro — mesmo de níquel... — que lhes permita sorrir à velhice quando o corpo pede repouso e a vista deleite para os olhos da Alma.

O operário intelectual não sabe, não pode contabilizar-se com a ciência do *Deve e Haver* da economia pessoal e comesinha. O seu espírito criador de Beleza, enlevado num sonho de Arte, de que é horroroso despertar, só sabe sentir — e não remediar — a amargura da penúria. O artista não conhece o valor do dinheiro, a ciência da especulação — só sabe sentir a miséria.

Como é triste para um artista, ser obrigado a conceber as suas obras dentro das estreitas paredes duma mansarda, tão desconfortável, que chega a sufocar os impulsos artísticos; como é triste para um artista ter de renunciar, por falta de recursos materiais, à realização das suas obras tão amoravelmente concebidas!

Isto não é exagero; é a realidade, infelizmente!

Por estranha aberração do destino, os artistas vivem quasi sempre na esperança de um *amanhã* mais feliz, dum *amanhã* desafogado — e queimam a vida à luz crua da realidade que escarnece a utopia das suas ambições artísticas.

E, em contraste com a existencia difícil dos amadores do Belo, dos forneiros da Arte, está a opulência inconsciente e egoísta dos *profanos* — dos que possuem palácios e maravilhas que foram feitas para regalo de artistas e que eles *profanos* guardam ciosamente, furtam ao prazer espiritual dos que as sabiam apreciar na sua justa expressão de arte e beleza.

Por isto, quem não há-de achar linda e aplaudir a idea generosa de transformar em tugúrio de artistas um

AO contrário do que havíamos prometido, só no próximo numero começaremos a publicar o primoroso trabalho do nosso estimado colaborador e ilustre arqueólogo Ex.^{mo} Sr. Mário de Sampaio Ribeiro, intitulado «Do sítio de Nossa Senhora ao actual Largo da Ajuda».

RECEBEMOS a visita de «A Voz da Mocidade» que appareceu à luz da publicidade no passado dia 1 do corrente e que tem como director, o Sr. José dos Santos Cabral.

Apresentando óptimo aspecto gráfico e impresso em bom papel, a sua colaboração muito variada, torna-o digno de leitura. Ao joven colega, auguramos longa vida.

O pessoal do Museu dos Coches, effectou no passado dia 3 do corrente, o seu primeiro passeio, tendo tido a gentileza de nos enviar a quantia de 5000 para um dos nossos protegidos. Ao nesse dedicado amigo Sr. João Eduardo Farinha as suas boas palavras, com o pedido de transmitir a todos os seus colegas, o nosso maior reconhecimento.

EM virtude do êxito obtido da Semana da Bondade, realizada em 1935, tenciona a Sociedade Protectora dos Animais levar a efeito este ano a mesma idea pelo que realizou no passado dia 4, na sua sede, uma reunião com a presença dos delegados de várias corporações altruistas da capital e arredores.

FIZERAM anos no passado dia 5, os nossos prezados amigos e colaboradores sr. Alfredo Gameiro e Manuel Lourenço Ramos, a quem por tal motivo apresentamos as nossas felicitações.

TEMOS presente, o que agradece, o Relatório e Contas, referente à gerência de 1935, da prestante Associação de Soc. Mtuos «Aliança Operária». No próximo numero, a êle nos referiremos mais detalhadamente.

(Conclui na 6.ª pagina)

Santos & Brandão**CONSTRUCTORES****Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio****Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)****TELEFONE B. 207****Farmácia Mendes Gomes**Director técnico—**JOSÉ PEDRO ALVES**, Farmaceutico Químico**CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.**VIRGILIO PAULA — Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA — Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA — 4^{as} feiras ás 9 h.**Serviço nocturno às sextas-feiras****Calçada da Ajuda 222 — LISBOA — Telef. B. 456****BELEM-CLUBE**

Depois da linda festa que a direcção desta florescente colectividade ofereceu no passado sábado aos seus associados, é caso para perguntar: Que novas surpresas projecta esse grupo de dedicações do Belém-Clube? Sim, porque ultimamente, têm dado o máximo do seu esforço. As suas festas, com uma organização tam meticolosa, impõem-se e trazem os seus numerosos consócios, deveras satisfeitos.

Na última festa, fazia parte do programa a representação das peças «Sonata» e «1023». A interpretação da primeira peça, foi fraca, mas desculpável, visto que apenas com cinco ensaios, seria impossível um melhor desempenho.

Mas... se houve deslises na «Sonata», outro tanto não podemos dizer da interpretação do «1023». Por vezes, tivemos a sensação de estar observando o trabalho de artistas consagrados. Dizemo-lo com sinceridade, como é nosso costume.

As responsabilidades do seu desempenho, recaíram muito acertadamente sobre dois amadores, que podemos considerar dos melhores.

Assim, no papel de «Canteleiro», mais uma vez Casimiro Janeiro brilhou, prendendo a farta assistência, no encantador diálogo, composto de ternura e bons sentimentos. Ao descrever a máguia que lhe fã na alma, pela perda daquela que era toda a sua vida e que por esse facto abandonou a antiga profissão, entregando-se à venda de cautelas, fê-lo de tal forma, encarnou tão bem o seu papel, e tanto a sério, que conseguiu emocionar todos os assistentes. Felicitamo-lo, porque bem o merece.

Agora, tratemos do outro amador. Silva Coelho, autêntico valor em qualquer palco, encarregou-se do terno papel de «Carteiro», o bom velhote que só vivia para a sua encantadora e querida netinha e pela qual seria capaz dos maiores cometimentos. Era feliz na companhia da pequenita; mas

um dia, (é assim o destino, tem destes caprichos), saiu-lhe a sorte grande numa cautela que havia comprado para a neta. Quando conhece tal felicidade, cai com uma síncope, que lhe dá morte instantânea. Desempenho soberbo, mantendo do primeiro ao último minuto, a personagem de ansião, a quem as dôres e não os anos, abriram rugas nas faces. E' de facto difícil êste papel. Mereceu bem os aplausos que lhe tributaram.

Os outros personagens: Mesdemoiselles Maria C. Brandeiro, Maria L. Brandeiro e Sr. Manuel Mesquita, cumpriram fielmente.

Ao acto de variedades que se seguiu, deram a sua colaboração alguns ilustres artistas do cena portuguesa, que foram justa e carinhosamente ovacionados.

Este festival que ficará bem gravado na memória de todos, teve início com uma conferência do ilustre e mimoso poeta Ex.^{mo} Sr. Silva Tavares, que foi apresentado pelo distinto escritor teatral Ex.^{mo} Sr. Arnaldo Brandeiro.

O conferente, que subordinou o seu elegante trabalho ao tema «Como nasceu o teatro em Portugal», foi delirantemente aplaudido e pena temos de não dispormos de espaço para o publicar.

E depois desta pequena resenha do que foi a encantadora festa, resta-nos agradecer à ilustre direcção do Belém Club, as provas de estima e grande amizade que sempre tem manifestado para com êste humilde quizenário.

A. R.

João MendesVinhos recebidos directamente
de Torres Vedras, das melhores qualidades**TABACOS****ANTIGO ARMAZEM DA MEIA NOITE****Calçada da Ajuda, 136 e 138 — LISBOA**
(à esquina da Travessa da Boa Hora)**A elegia da mulher feia**

(Continuado do número anterior)

E porque existe nas feias, occulto, sob a fealdade, uma outra beleza, foi quasi sempre as feias que os escritores românticos elegeram para heroínas de suas obras, pois elles sabiam que só ellas poderiam realizar essas acções elevadas e êsses lentos sacrificios que exigem uma alma plena de sentimentos bons.

Cantaram os românticos as mulheres feias e sobre a cabeça delas os poetas collocaram seus diademas líricos.

E a própria história, mesmo essa que devemos repudiar e esquecer como a uma mentira pretérita, está povoada de mulheres feias: — feias foram as heroínas de antanho, em sua maioria, feias foram as grandes escritoras, as grandes artistas, feias foram todas as mulheres que tiveram um papel importante dentro das colectividades do seu tempo. Por êsse mesmo fenómeno de compensação que paut a natureza, dir-se-á que todas as qualidades de intelligência e de valor são, dum modo geral, inimigas da beleza física. Esta vive só por si, para deslumbramento dos nossos olhos, enquanto a outra, a do cérebro ou do coração, se impõe à nossa alma.

E' necessário, pois, que não guardemos as nossas manifestações só para aquellas que têm um corpo formoso; é necessário que sejamos justos e pensemos também nas feias e pensemos com carinho e com ternura, porque detrás do biombo da sua fealdade se occulta tantas vezes, tantas! uma alma cheia de enlôvo, uma alma propicia a dar-nos uma doce e tranquila felicidade.

As feias também merecem os nossos elogios, porque são mais modestas e até porque sofrem mais, e conhecem melhor, dentro do seu anonimato e isoladas dos olhos da Admiração, o que na vida há de profundidade de dor.

**Este número foi visado
pela Comissão de Censura****LIBREIRO, L.^{DA}****Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427****LISBOA****Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mēsa

LICORES E TABACOS**Amândio C. Mascarenhas****SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA
SOLDADURA AUTOGENIA**Construção aperfeiçoada de ferragens
para fornos de padarias, do mais moderno sistema
e fogões em todos os generos**R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 496**

Fatos, sobretudos ou Gabardines

em prestações de 10\$00
semanais com BONUS

Continúa aberta a inscrição para esta nova e interessante modalidade comercial,
nas condições mais vantajosas. Inscreva-se sem demora na

ALFAIATARIA AJUDENSE, de Manuel Pinto Esterro
Calçada da Ajuda, 127-Telefone B. 184-LISBOA

Até hoje, foram premiados os Ex.^{mos} Srs.: Amadeu Pereira Brito, C. da Ajuda, 248; José Caio, T. Vitorino de Freitas; Libanio dos Santos, C. da Ajuda, 206; Francisco Pereira, C. da Ajuda, 131, 1.º; 1.º Sargento Matos, de Cav. 7; António P. Bettencourt, T. Paulo Martins, 18, Hipólito Conceição, R. das Mercês, 84, 2.º; Furriel José Maria, de Cavalaria 7; Carlos de Sousa, C. da Ajuda, 170; 2.º Sargento Machado, de Cavalaria 2 e 2.º Sargento Gulpelhares, de Cavalaria 7; Carlos de Sousa, C. da Ajuda, 170 e Arlindo C. Rodrigues, R. da Bica do Marquez, 11.

Executam-se também, fóra do sorteio, FATOS A PRESTAÇÕES, SEM FIADOR

A' volta duma idea generosa

(Continuado da 1.ª página)

palácio ou um convento abandonados, sonolentos na sua vasta solidão?

O Convento de Mafra e o histórico Ramalhão são indicados para o Abrigo dos artistas inválidos, para casa de repouso dos que ainda podem concorrer com o incenso da sua arte no altar das musas.

Tudo, tudo o que possamos fazer, todo o esforço que possamos dar concorrendo para tornar numa bela e útil realidade esta idea linda, tudo será abençoado.

Concorramos todos — os que cultivam e apreciam a Arte e a Beleza — para que o proletário intelectual possa ter, amanhã, um Lar artístico e confortável, onde os seus dias possam correr serenos, sem outras preocupações do que de bem servir o Ideal para que a sua Alma foi moldada; onde possa morrer tranqüilo; repousar ao fim da «lide insana»; onde tenha um ambiente próprio para criar os seus labôres artísticos.

E como devemos juntar o Útil ao Agradável, sou de parecer que se devem criar junto de todos ou quasi todos os nossos museus e monumentos nacionais, um Lar de operários intelectuais que olharão com esmerado carinho e entranhado affecto pelo património artístico e monumental — substituindo, com flagrante vantagem, os ridículos guias que abundam por esses lugares exibindo perante os visitantes uma irritante, desprimorosa e falsa erudição de almanaque...

— Alérta! para que não aborte a idea linda e generosa que o Senhor Hipólito Raposo trouxe, novamente, à luz do dia — idea pelo qual o felicitado calorosamente, com um abraço de gratidão em meu nome e no dos nossos camaradas — futuros habitantes do Ramalhão, Mafra ou outro lugar artístico e encantador onde se venham a erguer as *Casas do Proletário Intelectual!*

Aurélia Borges.

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

ESPECIALIDADE DA CASA

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento
para toda a Província

Rua de Belém, 80 e 82

TELEFONE BELEM 237

LISBOA

GRANDIOSAS EXCURSÕES

a realizar no corrente ano, promovidas
por «O Comércio da Ajuda»:

1.ª, em 19 de Julho, visitando: Villa Franca, Alenquer Ota, Caldas, Alcobaça, Nazareth, S. Martinho, Torres Vedras e Santa Cruz. Preço 45\$00.

2.ª, em 30 e 31 de Agosto, visitando: Torres Vedras, Caldas, Alcobaça, Batalha, Leiria, Figueira da Foz, Coimbra, Luso, Buçaco. Tomar e Santarem. Preço 80\$00.

Transporte em magníficos auto-carros. Pagamento facilitado em prestações semanais. Esclarecimentos e inscrições na Gráfica Ajudense Ltd., C. da Ajuda 176, Telef. B. 757

Clínica Dentária da Ajuda

C. da Ajuda, 183, 2.º-Esq.

Consultas das 10 ás 12

e das 14 ás 19 horas

Prótese em ouro e vulcanite pelos
mais modernos processos

PREÇOS MÓDICOS

AJUDA-CLUB

Com um brilhantismo fóra do vulgar decorreram os «Bailes Lilás», nesta florescente agremiação recreativa do nosso bairro. A ornamentação da sala, a cargo duma Comissão de Senhoras, com a coadjuvação dum grupo de sócios, demonstrou fino gosto artístico. O Ajuda Clube, que ocupa um lugar de destaque no nosso meio recreativo, tem procurado sempre agradar aos seus associados, organizando deslumbrantes bailes, onde o entusiasmo e a elegância se confundem. O Baile Lilás foi uma demonstração do que acabámos de afirmar.

Dançou-se um fox a prémio, o qual foi ganho pelo par formado pelo Sr. Domingos do Ó e pela interessante menina Ivone Lima.

Tanto no dia 30 como no dia 3, dançou-se animadamente até de madrugada.

Festas da Mocidade

Uma Comissão de sócios intenta levar a efeito deslumbrantes festas nos próximos dias 16, 17, 18 e 24. No dia 16 haverá récita, com a representação duma comédia e dois actos de variedades, seguido de baile. Nos dias 17, 18 e 24, grandiosos bailes, dedicados respectivamente às senhoras organizadoras do «Baile Lilás», aos consócios e à direcção. A's senhoras será oferecido um chá e aos cavalheiros um «Pôrto de Honra».

Estão reservadas muitas surpresas.

Dada a forma como o programa está sendo organizado, auguramos que estas festas serão deslumbrantes.

«O Comércio da Ajuda» associa-se ao entusiasmo do simpático Clube.

Casas de Repouso

O importante jornal «O Comércio de Viveres», publicou na integra, no seu último número, o artigo da autoria do nosso prezado colaborador Sr. Alfredo Gameiro, acompanhado duma nota de redacção em que evidencia a actualidade do assunto e se refere em termos bastante encomiásticos ao seu autor.

Agradecendo a transcrição, apresentamos ao estimado colega os nossos sinceros cumprimentos.

Se queiris fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Selem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercaria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, o que o seu proprietário agradece

PALAVRAS OPORTUNAS

Apesar de termos resolvido recolher ao silêncio da nossa medocidade, não deixamos porém de falar com os nossos maiores amigos — os livros.

Num deles, da autoria de Joaquim Costa «Recordar é viver», lemos o capítulo «Na corrente que passa», do qual com a devida vénia, respigamos os bocadinhos que seguem:

«Alguém, que encara, talvez com demasiada reserva, o meu optimismo intermitente, diz-me que não vale a pena esperar coisa alguma da vida e que é melhor entregarmo-nos ao Destino sem confiança e sem fé, já que todas as amarguras acumuladas sobre o nosso coração se irão talvez exacerbandando, ao passo que os horizontes morais da vida se fecham irremediavelmente e tudo deve findar numa desilusão acerba e pavorosa.

Eu não posso aceitar uma filosofia tão desoladora e tão triste. A vida não é apenas feita de desenganos e decepções. Bem sei que a dor é uma realidade tremenda, e que se formos a somar os instantes felizes que passamos e os compararmos com as amarguras que sofremos, acabaremos por chegar à conclusão de que o capital de dores que nos cabe em sorte é infinitamente maior. Mas que importa isso? Para que havemos nós de desanimar-se, pelo nosso esforço, conseguimos aperfeiçoar e dominar moral-

mente a vida, e se, na corrente impetuosa que passa, o nosso espírito pode ainda encher-se de coragem, lutando contra a própria dor que nos avassala?!

Confieiros, confieiros sempre! Há um sentimento oculto de piedade e de comiseração na própria fatalidade cega que nos envolve.

Há horas inolvidáveis na vida que nos indemnizam de tudo. Na mocidade, despreocupada e alegre, a nossa existência é um cântico. Mas esse cântico tem uma vibração rápida, às vezes mesmo um pouco dolorosa. Se olhamos em torno de nós, a natureza ensina-nos a sorrir e a amar. A beleza do céu, no silêncio estrelado da noite, não tem igual. Eu sinto que a minha alma nesses momentos ajoelha e reza.

A montanha contempla e parece murmurar uma oração indefinida e extraordinária. O silêncio tem voz, disse-o um grande poeta; e tinha razão.

O mar é, na sua imensidade, um gigante de inquietação e de revolta, que profundamente se parece, na sua mutabilidade incessante, com a nossa alma fremente de paixões, insatisfeita e inquieta sempre. Mas o mar, que tem tempestades violentas e cóleras extraordinárias, tem também as suas profundas calmarias. Como ele, a alma

humana sossega e passa rapidamente do ódio mais violento ou da paixão mais impetuosa à bondade mais pacificadora e afagante. A vida é quasi sempre como ele incerta e vária. Encaremo-la, se pudermos, com serenidade e resignação; e esperemos dela, como um dom de Deus, alguns instantes de paz.

Há tanta coisa bela na vida! tantas aspirações de idealidade e de beleza! tantos sentimentos nobres, em meio desta corrente de egoísmos, cada vez mais desenfreados e selvagens!

Mas, por isso mesmo que a vida tem aspectos dolorosos, é que nós temos o dever de redobrar de coragem, de redobrar de fé, de confiar num destino melhor e de caminhar para ele, como quem leva consigo, dentro do coração, uma estrela muito clara e suave, a iluminar-lhe o caminho.

Marco Aurélio, o sábio e bondoso Marco Aurélio, opunha à dissolução dos costumes de Roma a nobreza do seu espírito, a austeridade da sua vida sem mácula; e, nos *Pensamentos*, em que a sua alma se espelha, há páginas de filosofia moral, profundamente elevadas e consoladoras. Queiram lê-lo: como eu o li? Vejamos: «O tempo que dura a vida do homem não é mais que um ponto; o seu ser encontra-se num fluxo perpétuo; as suas

(Continua na página 7)

Gráfica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPELARIA

com secções de

Tabacaria

Perfumaria

Livraria

Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176

TELEF. B. 757



Instalações eléctricas

EXCUSA

Américo Heitor Dias

ELECTRICISTA

—
PEDIDOS á

C. Ajuda, 167-169
Telef. B. 552

onde serão atendidos
com a máxima urgência

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

EXCURSÕES

Vila de ALENQUER

A vila de ALENQUER, situada na encosta e base duma alta e verdejante colina, separada pelo rio Triana que elegantemente a serpenteia, é digna de ser visitada, não só pelo excelente panorama que se disfruta mas pela lição de história pátria, que nunca é demasiado tarde... recordarmos.

Não se sabe ao certo qual o ano da sua fundação, contudo podemos dizer que nos princípios do século V (417 a 420) os alanos, recuperando as terras que os visigodos lhes conquistaram, fundaram a vila e o Castelo aos quais deram o nome de *Alan-Cana* (Templo dos Manos), conservando esta posição até 583, data em que os visigodos novamente se assenhorearam de ALENQUER.

Em 714, os mouros apoderaram-se da vila e do Castelo que conservaram em seu poder durante quatro séculos, tornando-os uma Fortaleza quasi inexpugnável — a melhor da época.

As ruínas das antigas muralhas, ainda existentes, mostrava que o recinto fortificado era extenso e bem defendido.

No dia 24 de Junho de 1148, após um aturado cerco de dois meses e duma sangüinolenta batalha em que os cristãos fizeram prodígios de valor,

foi a Fortaleza conquistada por el-rei D. Afonso Henriques e expulsos os mouros.

Conta a tradição que, na manhã do dia de S. João, indo o rei com o seu séquito banhar-se ao rio e fazer as suas correrias, notaram que *Alão* (um grande cão pardo que vigiava as muralhas) não lhes ladrou e lhes fez muitas festas.

El-rei, tomando isto por bom preságio, mandou começar o ataque dizendo: — *Alão* quer.

Com esta e outra lenda muito semelhante pretendem justificar o nome do Concelho e a figuração do cão pardo no brazão da vila.

A meu ver o nome provém de *Alan-Cana* e a figuração do cão representa o símbolo de Fidelidade do povo de ALENQUER para com as rainhas donas da vila.

No sítio onde hoje o templo de S. Francisco domina a vila, existiram outrora uns Paços, cuja fundação se ignora e que foram doados conjuntamente com a Fortaleza por el-rei D. Sancho I, à filha mais querida, a infanta D. Sancha.

A infanta, que ali residiu durante largo período, era alvo das simpatias

do povo pela bondade e benefícios que a todos prodigalizava.

Querendo o rei D. Afonso, seu irmão, anexar a vila à Coroa e não desistindo D. Sancha dos seus direitos, foi tão bem defendida pelos alenquerenses, que o rei, após dois anos de escaramuças e reñidos combates, teve de submeter a questão aos tribunais.

A história de ALENQUER, interessantíssima pelas manifestações de fidelidade de seus filhos às rainhas de Portugal, teve começo com D. Sancha, a infanta santa,

D. Leonor Teles acolheu-se à guarda de ALENQUER depois da morte do rei D. Fernando e D. João I, zangado pela obstinada resistência que a principio encontrou, mandou tirar os cunhais à *Torre de Menagem* e abater parte das muralhas da cêrca.

D. Leonor, viúva de D. Duarte reaceando que o regente D. Pedro tentasse contra a vida de seu filho, D. Afonso V, mandou reedificar as muralhas para ali defender o rei, que contava apenas oito anos de idade.

Alenquer, fiel às tradições de fidelidade e patriotismo, toma o partido de D. António, o prior do Crato, e só em 27 de Agosto de 1580 é que se submette à denominação castelhana.

Depois destas e outras provas de fidelidade, não será difícil concluir-se que a versão do *Alão* não passa duma métra fantasia.

(Continua na página 7)

NÃO sei se pelo Natal, se por ocasião de qualquer aniversário patriótico, na Reparação onde o Felizardo tem lugar organizou-se uma comissão com o intuito de celebrar a data festiva com almoço aos filhos dos empregados e espetáculo destinado às crianças, em que tomariam parte alguns artistas dos nossos teatros.

Escusado será dizer que o Felizardo foi um dos mais influentes do festival e talvez o que maior actividade desenvolveu. Era tão grande o seu entusiasmo, tal o afan com que de todos os preparativos se encarregava, que ao vê-lo assim, atarefado e radiante, parecia-lhe próprio fazer parte do bando de garotos a quem a festa ia ser consagrada.

O Felizardo Ventura

Por ALFREDO GAMEIRO

Escolheu-se a melhor sala; a mais clara e ampla, enfeitou-se a capricho com flores de papel e cetinetas de cores vivas; e dois carpinteiros se encarregaram da construção de uma vasta mesa em forma de ferradura e de um estrado ao fundo, onde os artistas convidados se exhibiriam para gáudio dos pequenos assistentes.

O Felizardo lá estava, em todos os momentos livres, a apresentar alvitre, a dar opiniões, a velar por que tudo fôsse disposto com método e bom gosto, de maneira a agradar aos convidados e a dar honra aos promotores. Já, vinha, sentava-se junto da mesa, colocava-se em vários lugares da sala, a fim de verificar o efeito das ornamentações, e, na ocasião em que o estrado estava quasi concluído, quis, de cima dele, analisar o aspecto geral da casa assim ornamentada, antegozando já o efeito que ela havia de produzir com a efusiva alegria das crianças e a numerosa concorrência de pessoas de categoria com que se contava para dar esplendor à simpática festa.

Do extremo anterior do tablado estendeu a vista em todas as direcções, depois foi recuando pouco a pouco, como pessoa entendiada que na apreciação dum quadro procura descobrir-lhe todos os efeitos de luz, mas, quando estava próximo do fundo, pôs os pés sobre a extremidade de uma tábua que não estava ainda pregada. Cedendo ao peso do Felizardo, a outra extremidade da tábua ergueu-se repentinamente, batendo-lhe em cheio na testa, e o infeliz herói de tantas desventuras mais uma vez foi vi-

tima da sua dedicação, desaparecendo no buraco aberto.

Houve gritos, adição, a notícia correu célere por toda a Reparação, e os operários apressaram-se a tirar de sob o estrado o corpo fustelado do Felizardo, com uma larga brecha na cabeça, donde o sangue jorrava em abundância.

Metido à pressa num taxi, levaram-no ao posto de socorros mais próximo, onde médico de serviço verificou que a ferida, apesar de enxada, não apresentava gravidade; pelo que, feito o necessário curativo e serenado o espirito perturbado pelo caso incidente, o Felizardo voltou à Reparação com a cabeça descoberta, porque as fortes ligaduras em que vinda envolvida, aumentado-lhe consideravelmente o volume, impediam a entrada do chapéu no sítio próprio, e mais a mais assim dorido e magoado.

O que pode afirmar-se, porém, é que, pelo grau de simpatia de que o Felizardo gozava entre os colegas e pelo inesperado do acontecimento, o caso produziu verdadeira sensação; e até o chefe, um excelente homem já entrado em anos, de saúde precária e delicada sensibilidade, ao ter conhecimento do desastre de que fôra vítima o seu subordinado, e de que não era fácil ainda prever as consequências, sofreu tão grande comoção, que teve de abandonar a secretária e girar-se para casa em estado que inspirava sérios cuidados.

Mais um desgosto par o nosso amigo, que, em face de tal demonstração de amizade, se julgou na obrigação de, nessa mesma tarde, apesar de uma pontinha de febre causada pelo ferimento, ir a essa do estimado

chefe, para se informar da sua saúde e agradecer-lhe a prova de simpatia.

Impossibilidade de fazer uso do chapéu, o Felizardo lançou mão duma velha boina com que, em casa, cobria a calvície nas noites frias, envergou um casaco comprido também já um tanto coçado, e na intenção de se eximir a observações indiscretas, aproveitou a hora de luseofusco, para o cumprimento da sua missão de reconhecimento.

Era quasi noite quando chegou a casa do chefe. Enfiou esada acima e tocou a campainha. Ao cabo de alguns segundos a porta abriu-se e no limiar appareceu um vulto de mulher, que na escuridão o Felizardo não conseguiu reconhecer, mas se lhe afigurou ser a esposa do dono da casa.

O Felizardo tirou respeitosa e boina e ia a dizer:

— Minha senhora, eu...

Mas ella não o deixou acabar, e disse num tom áspero e agastado, ao mesmo tempo que fechava a porta com estrondo:

— Tenha paciência, não pode ser.

Interdito, desapontado, o Felizardo quedou-se, sem saber que resolução tomasse. Era evidente que o julgavam um mendigo, mas tornava-se necessário desfezer o engano, e por isso, após alguns momentos de hesitação, voltou a tocar a campainha.

Dessa vez a porta não se abriu. Alguém espreitou pela gradezinha do postigo, e antes que o Felizardo tivesse tempo de explicar-se, a mesma voz de há pouco gritou:

— Outra vez! Já disse que não tenho nada para lhe dar. Pousa-se a andar, quando não...

E o postigo fechou-se. Já completamente às escuras, o Felizardo quis ainda reagir, tornar a tocar, insistir, fazer-se reconhecer por aquela senhora que tão agrestemente o despedira; mas estava de tal modo atropalhado e fora de si, que perdeu o tiro, não dava com o botão da campainha. Pôs-se então às apalpacadas, a tatear a parede, a porta e os alizares, mas por fim, ouvindo do lado de dentro o forte ladrar dum enorme canzarão, compreendeu a ameaça e, recuando receoso de que acabasse por atrair-lhe o mastim às pernas, entendeu prudente virar costas e voltar pelo mesmo caminho.

Paciência! Mais uma bela intenção frustrada, o que sinceramente faz pena, visto que as boas intenções do Felizardo não são, não foram nunca, daquelas de que se diz estar o inferno cheio.

Nova Padaria Taboense

ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições hygienicas

R. ds Mercês, 116 a 120 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Faveiro, Retrozeiro, Roparia e Gravalaria

Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

D. Eugénia Marques dos Santos

Contando apenas 37 anos de idade, faleceu no dia 27 do mês p. p., esta bondosa senhora, professora da Escola Asilo de S. Pedro em Alcantara.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte para o cemitério da Ajuda, constituiu uma verdadeiro prova do quanto eram apreciadas as suas boas qualidades pelos habitantes do populoso bairro de Alcantara, que em grande número se fizeram representar.

O corpo da infeliz senhora era precedido pelos alunos da benemérita Sociedade Promotora de Educação Popular, e pelos da Escola Asilo de que a falecida era distinta professora há quasi uma duzia de años, os quais conduziam os estandartes das suas escolas cobertos de crepes.

A significativa dedicatória que vimos num dos lindos ramos de flores ofertados, que dizia: «A' sua muito querida professora, ultima recordação do

seu aluno António Domingos» — deunos uma nitida ideia do quanto a falecida era estimada pelos pequeninos a quem estava confiada a sua instrução e educação.

A seu marido e sógro, os nossos amigos João Justino Falcato dos Santos e João Falcato dos Santos, directores respectivamente da Sociedade Promotora de Educação Popular e Escola-Asilo, apresenta «O Comércio da Ajuda» sentidos pesames.

CALISTA

VAI AOS DOMICILIOS

Informações: FARMACIA FIGUEIREDO
42, C. da Ajuda, 44 — Telef. B. 489

TELEFONAR OU ESCREVER A

J. F. DE ALMEIDA

Rua de Santo António em Belém, 9, 2.º, D.
Telef. B. 489 — LISBOA

RELOGIOS

de pulso, de algibeira e de parede

Vendas em prestações semanais
de 5\$00 com bonus

PRÉMIOS TODAS AS SEMANAS

Inscreeva-se desde já na

RELOJOARIA

DE

Albano Machado

C. da Ajuda, 162 - Telef. B. 236
LISBOA

LICEUS

Estudantes do curso superior, dão explicações dos cursos geral e complementar de Ciências dos Liceus, a preços módicos.

Este quinzenário informa.

Miséria!

(INÉDITO)

«Quantos lares sem lume e quanta gente rica!»

António Nobre.

Quando à noite no inverno eu penso nas desgraças
Que assolam este mundo,
Nas podridões devassas,
Sinto no peito meu cravar-se bem profundo
Um spinho lacerante
De angústia mal contida,
E, qual saudoso amante
Que se vê só na vida,
Assim na escuridão da noite agreste,
Sózinho
Enquanto o firmamento azul se veste
De cores carregadas,
Penso que a essa hora um pobrezinho,
Andadas
As léguas sobre léguas, sem parar,
Tem fome e frio e sede! Que pavôr!
Há tanta gente rica! Tanto lar!
Ninguém lhe dá um pouco de calor!
Meu Deus! E quantos pobres haverá
Por esse mundo fóra!
Aqui, além, ali, mais acolá
Um desgraçado chora
E os grandes não se lembram que existem seus irmãos
Vivendo como cães
Sem lhes porem sequer nas mis'ras mãos
A milésima parte dos seus bens!

E' triste, pois não é?
E vós que vos dizeis homens de fé,
E vós que tendes filhos a criar
Não vos lembrais talvez que possam vir a ser
Uns pobres sem carinho!

E vós podeis gozar!!!

Não vos lembrais também que possa escurecer
A luz esplendorosa
Que tem acompanhado a vossa feliz vida!

Tende um'alma bondosa
P'ra gente desvalida
Da sorte
Lembrai-vos, ó senhores, que há uma outra vida
P'ra além da negra morte!

Fernando Artur.

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

Ceramica de Arcolena

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalizações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

Os bons Vinhos de Cheleiros

da colheita de 1935



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

encontram-se à venda nos estabelecimentos de

João Alves e Resinas

MERCEARIA CONFIANÇA

DE

João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 — LISBOA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira
ne essidade. Nesta casa também se vendem
os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}**PADARIA**

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Palavras oportunas

(Continuado da página 4)

sensações são obscuras. O seu corpo, composto de elementos diversos, tende naturalmente para a corrupção; a sua alma é uma vertigem; o seu destino um enigma insolúvel; a glória é uma incógnita. Numa palavra, tudo o que diz respeito ao corpo é um rio que passa; tudo o que diz respeito à alma é sonho e fumo; a vida é um combate, uma estada em país estrangeiro, e o renome póstumo o esquecimento».

Pois bem: este filósofo que conheceu todas as grandezas e julgou a vida com uma tão amarga e severa filosofia, ensinou-nos também a não considerar um mal as metamorfoses perpétuas dos elementos e a encararmos sem tristeza a mudança e a dissolução de tudo, porque a mudança, dizia ele, é conforme com as leis do Universo, e não é um mal estar de acôrdo com os ditames da natureza.

E' assim que nós devemos compreender a vida e aceitá-la como ela é, na sua bondade e na sua miséria. Os que sofrem, hão-de ser um dia consolados!

! Façamos da nossa vida interior um Evangelho de ternura, de devoção e amor! Amemos com serenidade e confiança, esperando que dos outros venha até nós também um pouco de ternura.

E quando envelhecermos e a vida for para nós cada vez mais inexorável e dolorosa, veremos como germina em outras almas o affecto que espalhamos um dia, como duma sementeira de flores se abrem para a luz na primavera as corolas risonhas e olorosas.

Se os anos passam e a vida passa também, mais razões temos ainda para aproveitar os instantes que restam, não desperdiçando os momentos efémeros, comunicando-lhes um pouco de beleza espiritual, que é a mais poderosa afirmação da nossa emotividade.

Eu creio que Deus reserva às almas sofredoras, que confiam e esperam, o destino mais alto. Que a dor não seja

para nós apenas um motivo de desânimo, mas um verdadeiro tónico moral que, fazendo-nos vencer a nós mesmos, nos tornará finalmente invencíveis aos embates da própria dor».

Francisco Duarte Resina.

N. R. — Diz o nosso prezado amigo e camarada de redacção, Francisco Duarte Resina, estar no propósito de «recolher ao silêncio». Não queremos acreditar em tal e estamos certos que o não fará, nem isso era possível numa pessoa como elle, que tem passado o melhor da sua vida a cooperar em coisas belas, manifestando sempre uma isenção de carácter, capaz sim, de ser igualada, mas nunca suplantada.

Seria para nós motivo do maior desgosto, ver afastar do nosso convívio o homem que tantas vezes nos tem animado a prosseguir na cruzada a que nos propuzemos, em defeza de todos os habitantes da nossa freguezia, que apesar de não ser a dêle, lhe quer tanto, como se o fôra.

Bilhetes postais ilustrados desde \$50**Bilhetes de visita desde 4\$00 o cento****C. da Ajuda 176 - Telef. B. 757****Boa-Hora Football Clube**

Neste prestimoso clube desportivo, realizou-se no dia 20 do mês passado, a assembleia geral ordinaria, tendo sido eleitos os corpos gerentes para o exercício de 1936-1937, que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, Capitão Izidro Leitão; 1.º Secretário, Quirino dos Santos; 2.º Secretário, Joaquim Ferreira.

Direcção: Presidente, Adelino Cabral Junior; Vice-Presidente, Joaquim Borges Junior; Tesoureiro, Artur Pereira Pinto; 1.º Secretário, Francisco Mateus; 2.º Secretário, Ismael Costa; 1.º Vogal, António Teixeira; 2.º Vogal, Rafael Gaspar; Suplente, Artur Assunção.

Conselho Fiscal: Presidente, Serafim Geraldês; Secretário, Amílcar Alves; Relator, Agostinho Andrade.

Aos novos directores, apresentamos as nossas saudações, acompanhadas do desejo ardente de que o Clube progrida consoante os seus e nossos desejos.

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ■ LISBOA ■ Telefone Belém 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.**Carrilho Xavier**Doenças das senhoras
Clínica geral e partos
às 15 horas**Medina de Souza**Interno dos hospitais
das 17 às 19 horas
Coração e pulmões — Clínica geral**VIRGINIA DE SOUSA**

Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa

Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

*A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado
nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos*

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento, do MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira
qualidade a preços razoáveis

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

AS CHAPAS ONDULADAS

LUSALITE



são a verdadeira solução dos telhados

Presta todas as informações:

Corporação Mercantil Portuguesa, L.^{DA}

Rua de S. Nicolau, 123

Telef. 2 3948 - 2 8941



OUVE DIFERENÇA em 10 minutos

ENGOMADARIA IDEAL

E

TINTURARIA

O proprietario do mais antigo e acreditado estabelecimento no género, com séde no Largo Trindade Coelho 22, participa aos leitores de «O Comércio da Ajuda» que está em plena actividade a sua nova sucursal na T. DA BOA-HORA-Telef. B. 386 (junto à Panificadora Ajudense), onde podereis mandar tingir, ou limpar, pelo sistema americano, os vossos fatos, fardamentos, vestidos, gabardines, sobretudos, etc.

Também esta casa se encarrega lavar e engomar estores, cortinados e toda a espécie de roupa de goma e lisa.

T. da Boa Hora — Telef. B. 386

(Junto à Panificadora Ajudense)

Casa Belmira

CHAPEUS PARA SENHORAS E CRIANÇAS
PREÇOS BARATISSIMOS

Tinge e transforma

Tem sempre as últimas novidades

APLICAÇÕES NACIONAIS E ESTRANGEIRAS
Grande sortido em flôres artificiais

R. Coronel Pereira da Silva, 15
(Bairro Económico da Ajuda)

EXCURSÕES

(Continuado da página 5)

Expostos estes pequenos dados históricos, é tempo de iniciarmos a marcha da primeira excursão.

Partindo das estações ferro-viárias de Vila Franca de Xira, do Carregado ou ainda mesmo do centro de Lisboa, cujas distancias à entrada da vila são aproximada e respectivamente 13,8 e 42 quilómetros, o excursionista ao transpôr a ponte da Couraça entra no lindo e verdejante Concelho de Alenquer.

Seguindo a estrada que se dirige à vila, depois de atravessar a povoação do Carregado e já muito proximo daquela, encontra à direita a povoação de Santa Catarina e lobra uma igreja que em tempos idos foi oratorio da mesma santa.

O Claustro é pequeno tendo ao centro um pço no fundo do qual se encontram cinco olhos de boa e saborosa agua.

Continuando a viagem seguindo pela estrada Alenquer-Ota-Cercal, divisa-se à direita a fabrica de lanifícios da Romeira que se ergue imponente um pouco alem do Santa Catarina e olhando à esquerda vai o excursionista admirando o belo e surpreendente panorama da vila.

Para não perderem tempo com a ida a Ota, que reservo para outra excursão, ao chegar a Monte Pedral, quasi em frente da velha praça de touros, deve voltar-se novamente para traz.

A titulo de curiosidade direi que Ota é um sitio baixo, rodeado de serras, vale importantissimo ao qual se prendem alguns factos historicos.

Percorrendo em sentido contrario a estrada já seguida, o excursionista contempla novamente o espectáculo surpreendente da Vila. Cortando à direita, entra-se na estrada variante (leste) donde se observa quasi o mesmo panorama, que para muitos, não é demasiado vê-lo três vezes.

(Continua)

Melo Migueis

Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quartéis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis
Serviço de pensos esterelizados para OPERAÇÕES E PARTOS

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL

Xaropé Tíocol «Lasil» — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares.

Cinacol, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock.

Antinevralgina, comprimidos — Nevralgias, dores de cabeça e dentes, constipações, insónias por excesso de trabalho, etc.

Balsamo Analgesico «Silva» — Empregado no tratamento do reumatismo, gôta contusões, etc.

Calcio «Lasil», empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel.

Xaropé «Peitoral de Cereja», de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

Quinisina Lasil, empolas — Pneumonias, bronquites, bronco-pneumonias, gripes, etc.

Sais de Frutos Lasil — Doenças de fígado, estômago, prisão de ventre, vertigens, dores de cabeça, etc.

Soros, sédas, catgut, drenos, crinas, laminarias, algodões, gazes, compressas, tampões, ligaduras, etc., etc.

CONSULTAS MÉDICAS DIARIAS

pelos Ex.^{mos} Srs.

Dr. Virgilio Lopes de Paula — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 14 horas.

Dr. João Pedro de Faria — às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Dr. Schiappa Monteiro — às terças, quintas-feiras e sábados, às 1430 horas.

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias às 18 horas.

Avia-se receituário de todas as Associações

SERVIÇO NOCTURNO A'S TERÇAS-FEIRAS

Especialidades nacionais e estrangeiras